

PAPEL DE MOISÉS NA LIBERTAÇÃO DO POVO

Vocação, graça e missão

Ludovico Garmus

1. Introdução

Pela sua origem, Moisés é fruto da compaixão e da violação da lei. As parteiras se compadecem dos meninos que deveriam morrer e desobedecem a ordem do faraó, deixando-os viver (Ex 1,15-19). Sua mãe nega-se a cumprir a ordem do faraó de jogar seu filho recém-nascido no Rio Nilo e o cria às escondidas. Exposto, finalmente, numa cesta de junco nas águas do rio, é salvo porque dele se compadece a filha do faraó, desobedecendo suas ordens a respeito dos meninos hebreus (Ex 2,1-10). Moisés, já adulto, se compadece de seus irmãos hebreus escravizados. Mas acaba se envolvendo num assassinato ao tentar socorrer um hebreu, que estava sendo espancado por um egípcio. Com medo de ser morto pelo faraó, Moisés foge para o deserto (Ex 2,11-22).

Ao tentar libertar seu povo da opressão Moisés é malsucedido, porque pensava ser capaz de fazê-lo sozinho. Deus, porém, lhe mostrou que a libertação é fruto de sua graça. Ao chamar Moisés, Deus lhe dá uma missão que é iniciativa sua: “Eu vi a opressão..., ouvi os gritos..., tomei conhecimento... desci para libertá-los... E agora vai, que eu te envio ao faraó para que libertes meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,7-10; cf. 2,24-25). Moisés reluta em aceitar a espinhosa missão e responde: “Quem sou eu para ir ao faraó e libertar os israelitas do Egito?” (Ex 2,21). Ele tinha consciência de seu fiasco e que, agora, era ameaçado de morte pelo faraó, caçado como assassino pela sua polícia. Ele não tinha a ficha limpa para se apresentar ao faraó. A seus olhos, era a pessoa menos indicada para cumprir tal missão.

Mas, por outro lado, “a graça divina supõe a natureza”. De fato, ele era um hebreu, providencialmente salvo do destino de tantos outros meninos hebreus, que não puderam ser salvos da morte. Exposto nas águas do Rio Nilo, teve a sorte de ser adotado e educado pela filha do faraó, embora amamentado durante a infância pela própria mãe. Moisés era uma pessoa de liderança, de iniciativa, sensível ao sofrimento de seus irmãos hebreus. Uma pessoa que não esquecera suas raízes. Portanto, de certa forma, era alguém qualificado para executar a missão que o Senhor lhe queria confiar. Por isso, Deus insiste, promete apoio e oferece um sinal de que a iniciativa libertadora é sua: “Eu estou contigo e este será para ti o sinal de que eu te envio: quando tiveres libertado o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha”. Moisés precisava ter fé que era Deus que o mandava de volta para o Egito, e com a finalidade de libertar seu povo da escravidão. Precisava acreditar que Deus estaria com ele. Certeza de que era assim mesmo, Moisés teria somente quando tivesse cumprido a missão: “Este será para ti o sinal de que eu te envio: quando tiveres libertado o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha” (Ex 3,12).

Portanto, a vocação e a missão são pura graça divina, iniciativas de Deus. Mas Deus pede a fé da pessoa por ele chamada.

Deus não só chama Moisés e lhe confere uma missão, como também traça a estratégia da libertação do povo:

- a) Moisés deve anunciar a identidade do Deus que o envia com a missão de libertar o povo: “Eu sou”, ou o Deus dos Pais, é o mandante da missão (Ex 3,13-15).
- b) Deve começar sua missão reunindo-se com os anciãos, as lideranças naturais do povo. Deve ir com eles até o faraó, para que deixe os hebreus partirem, a fim de servir o seu Deus no deserto (Ex 3,16-22).
- c) Os sinais que lhe são confiados deveriam convencer o faraó que era o Deus dos hebreus quem estava exigindo a libertação do seu povo. Não se tratava de uma pura iniciativa de Moisés (Ex 4,1-9).

2. O relato profético da vocação de Moisés

A seguir passaremos a examinar um pouco mais de perto o relato da vocação de Moisés¹. O relato de vocação e missão de Moisés segue o esquema do gênero narrativo das vocações proféticas². O gênero narrativo da vocação parece ter sua origem na experiência dos profetas enquanto pregadores, sempre críticos frente aos abusos da monarquia, aos abusos sociais e desvios religiosos em seu tempo. Os profetas questionavam a opinião pública e por isso eram contestados, criticados e até perseguidos. Sentiram, por isso, a necessidade de justificar suas atitudes e palavras. Passaram, então, a descrever de forma imaginável e sensível a experiência religiosa da vocação profética que tiveram. Esta experiência é exposta mais tarde pelos redatores num gênero literário que inclui seis momentos: o confronto com Deus, o discurso introdutório, a investidura da missão, a objeção, a reafirmação do apoio divino e o sinal. O esquema de seis pontos é bem claro na vocação de Gedeão (Jz 6,11-24), mas encontramos também nas vocações de Moisés, Isaías, Jeremias e Ezequiel³. Este esquema pode ser apresentado na tabela abaixo⁴:

1. A leitura que estamos fazendo dos livros do Êxodo e dos Números pressupõe a complexidade das fontes utilizadas. Eventualmente, mencionaremos as fontes subjacentes, mas não é este o objetivo de nossa leitura. Queremos, sim, examinar a figura de Moisés através dos textos como eles aparecem na redação atual.
2. Cf. VOGELS, W. Les récits de vocation des prophètes, *Novelle Revue Théologique*, 95, 1973, p. 3-24.
3. Lucas, nos Atos, ao narrar a vocação-missão de Paulo, utiliza elementos deste mesmo esquema de seis pontos (cf. At 9,1-18; 22,6-13; 26,12-20).
4. Dentro da tabela não foram colocados os textos de Isaías e de Ezequiel porque mereceriam maiores esclarecimentos.

	Gedeão Jz 6,11-24	Moisés Ex 3,1-12	Jeremias 1,4-10	Isaías 6,1-13	Ezequiel 1,1-3,11
1. Confronto com Deus	6,11-12a : “Gedeão... estava debulhando o trigo no tanque de pisar uvas para escondê-lo dos madianitas. Apareceu-lhe o anjo do Senhor e lhe disse”.	3,1-4a: “Moisés levou um dia as ovelhas deserto a dentro e chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça”.	1,4 : “A palavra do Senhor me foi dirigida nestes termos...”	6,1-2	1,1-28a
2. Discurso introdutório	6,12b-13: “O anjo do Senhor lhe disse: O Senhor está contigo, valente guerreiro...”	3,4b-9: “Moisés! Moisés! Ele respondeu: ‘Aqui estou’ ... ‘Eu vi a opressão do meu povo... Desci para libertá-los”.	1,5a: “Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci”.	6,3-7	1,28b-2,2
3. Investidura da missão	6,14: “Vai com esta força que tens e salva Israel da mão dos madianitas...”	3,10: “Agora vai, que eu te envio ao Faraó para que libertes meu povo”.	1,5b: “Antes que nascesses, eu te consagrei e te constituí profeta para as nações”.	6,8-10	2,3-3,11
4. Objeção	6,15: “Como posso salvar Israel? ... Eu sou o mais novo na casa de meu pai”	3,11: “Quem sou eu para ir ao Faraó e libertar os israelitas do Egito?”	1,6: “Mas eu disse: ‘Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, porque sou ainda um jovem”.	6,11a	2,6.8...?
5. Reafirmação do apoio	6,16: “Eu estarei contigo. Por isso baterás os inimigos como se fossem um só homem”.	3,12 a: “Eu estou contigo”.	1,7-8: “Não digas: ‘Sou ainda um jovem!’ Porque irás a quem eu te enviar e falarás o que eu te ordenar...”	6,11b-13	2,6-7; 3,8-9
6. O sinal	6,17-24: “Se gozo do teu favor, dá-me um sinal de que és tu que falas comigo”.	3,12b: “E este será o sinal de que eu te envio: quando tiveres libertado o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha”.	1,9-10: “Então o Senhor... tocou-me a boca... e me disse: ‘Eis que ponho minhas palavras em tua boca. Dou-te hoje poder sobre as nações e reinos, para arrancar e destruir, para exterminar e demolir, para construir e plantar”.	6,11-13 cf. 1,5-8	1,8-3,3.8s

Nas narrativas de vocações acima, tanto dos profetas como de Moisés, o confronto inicial com Deus frisa o caráter inesperado e impetuoso da vocação, que sempre inclui uma missão. Desenvolve-se um verdadeiro diálogo entre a pessoa chamada e o mensageiro celeste. Na vocação dos profetas o chamado inclui a missão de falar a Israel. No caso de Gedeão e de Moisés, o chamado inclui, sobretudo, a missão de libertar o povo. A vocação de um profeta ou líder religioso como Moisés ou Gedeão não começa com a narrativa da vocação. No caso dos profetas, podemos imaginar que, após longos anos de missão, contestada muitas vezes pelos ouvintes, sentiram a necessidade de descrever sua experiência religiosa e as razões de seu comportamento. O redator da vocação de Moisés, seguindo o modelo dos relatos proféticos de vocação, também sintetizou em seu relato esta experiência vivida por Moisés ao longo de sua penosa missão.

Examinaremos a seguir alguns textos que falam das objeções de Moisés à sua vocação/missão e da reafirmação do apoio divino. Esta renovação de apoio representa a graça divina agindo na vida do líder, capacitando-o sempre de novo a executar a missão recebida.

3. Objeções de Moisés à vocação

À objeção de Moisés “quem sou eu para ir ao Faraó e libertar os israelitas do Egito?” Deus responde: “Eu estou contigo” (Ex 3,11-12). Quando Moisés pergunta: “Mas, se eu for aos israelitas e lhes disser: ‘O Deus de vossos pais enviou-me a vós’, e eles me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’ – o que devo responder?”, Javé responde: “Eu sou aquele que sou... Assim responderás: o Deus de vossos pais envia-me a vós” (3,13-14).

Moisés, porém, apresenta uma nova objeção para não cumprir sua missão: “Mas se eles não acreditarem em mim?” (4,1). Em resposta, Deus promete confirmar as palavras de Moisés com sinais a serem realizados diante dos egípcios. Assim eles seriam convencidos a deixar o povo partir (4,2-9).

Moisés volta à carga com nova objeção, referente à sua dificuldade de falar: “Pobre de mim, Senhor! Nunca tive facilidade para falar, nem antes, nem agora que falas a teu servo. A minha pronúncia e a minha fala são pesadas” (4,10). Deus se irrita com Moisés e lhe promete dar Aarão como ajudante: “Tu lhe falarás e lhe transmitirás as mensagens, e eu estarei com os dois quando falarem... Ele falará por ti ao povo e será teu porta-voz, e tu serás um deus para ele” (4,15-16). Na versão sacerdotal (P) da vocação, diante da queixa de Moisés de não saber falar, Javé promete que fará dele o seu representante diante o faraó e Aarão será o profeta de Moisés (6,28–7,15). Em outras palavras, a ação libertadora é divina, é pura graça. Esta ação divina se manifestará pelos “grandiosos castigos”. Os efeitos dos castigos e da ação libertadora divina serão reconhecidos pelos hebreus e pelos egípcios: “Assim sabereis que eu sou Senhor vosso Deus que vos liberta dos trabalhos forçados impostos pelos egípcios” (6,7); “os egípcios ficarão sabendo que eu sou o Senhor, quando estender minha mão contra o Egito e tirar os israelitas do meio deles” (7,5).

Como vemos, as respostas de Javé às objeções de Moisés para não aceitar a missão sempre insistem em dizer que esta missão é fruto da graça divina. É uma consequência da promessa “Eu estou contigo” (3,12).

4. Ação de Moisés e Aarão durante as “pragas”

Ex 7-11 é uma composição literária com processo de crescimento complexo, incluindo redações tardias. A tradição javista intervém em dez pragas (I, II, IV, V, VII, VIII e X) e a tradição sacerdotal em cinco (I, II, III, VI, X)⁵. Na interrupção das pragas, Moisés e Aarão tem o papel de intercessão. As duas primeiras pragas – a da vara que se transforma em cobra e das águas que viram sangue – são imitadas pelos magos. A superioridade dos “sinais” dados por Javé, porém, já se torna visível no primeiro sinal, quando a vara-cobra de Moisés e Aarão engole a dos magos egípcios (7,12). Depois, apesar de os magos repetirem a praga das rãs, o faraó chega a pedir a Moisés e Aarão que intercedam junto a Javé, para que afaste a praga das rãs. Moisés suplicou ao Senhor e as rãs morreram (8,8-9). Finalmente, na praga dos mosquitos que infestam o Egito, atacando homens e animais, o faraó reconhece o poder do Deus de Moisés e diz: “Aqui está o dedo de Deus” (8,15). Neste contexto começa o papel intercessor de Moisés, próprio dos profetas (cf. Am 7,1-6; Jr 7,16; 11,14; 14,11), papel que se repete por ocasião de outras pragas (Ex 8,24-28; 9,27-30; 10,16-20). Javé atende a cada súplica de Moisés, afastando o castigo, mas o faraó endurece o coração e se fecha à graça divina. Mesmo assim, o coração de Javé continua mais inclinado à misericórdia e ao perdão do que à ira, mais à graça que ao castigo (Ex 20,5-6). O que atrai a ira divina é o endurecimento do coração do faraó, não deixando o povo partir.

5. Dificuldades na missão de Moisés e queixas do povo

As queixas contra a liderança de Moisés começaram muito cedo. O resultado do primeiro pedido ao faraó para deixar o povo partir numa viagem de três dias no deserto, a fim de oferecer sacrifícios a Javé, só fez aumentar a dureza dos trabalhos forçados, impostos aos hebreus (5,1-9). Os feitores egípcios açoitam os chefes de turma hebreus por não conseguirem que os hebreus cumpram as tarefas diárias. Os chefes de turma hebreus vão queixar-se ao faraó pelos castigos sofridos, mas este não os atende (5,10-18). Dirigem-se então a Moisés e Aarão, os “causadores” de tudo: “Que o Senhor vos examine e julgue; vós nos tornastes odiosos diante do faraó e dos seus servidores e lhes pusestes na mão a espada para nos matar” (5,21). Enfim, o projeto de libertação proposto aos hebreus por Moisés e Aarão, em nome de Javé, virou em tumulto e confusão, gerando mais sofrimento ao povo.

Na fuga do Egito, perseguidos pelo exército egípcio, os hebreus clamam ao Senhor e reclamam de Moisés: “Foi por não haver sepulturas no Egito que nos trouxeste para morrermos no deserto?” (14,11). Moisés tenta acalmar os ânimos e restabelecer a confiança nos israelitas, mas pede socorro a Deus. Então, na forma de coluna de nu-

5. SCHMIDT, Werner H. *Exodus*, *Biblischer Kommentar Altes Testament*, II/2, 351-360.

vem, Javé vem em socorro de seu povo, protege-o e se torna o seu guia (14,13-20). Pela intervenção prodigiosa de Javé, o mar abre passagem para os hebreus fugitivos e faz perecer o exército dos perseguidores (14,21-31).

As murmurações do povo contra Moisés e Aarão, porém, tornam-se mais frequentes durante a caminhada pelo deserto (Ex 15,22–18,27). A primeira queixa / murmuração aconteceu em Mara, por causa das águas amargas: “Que havemos de beber”? – reclama o povo. Moisés clama ao Senhor pelo povo e Deus lhe indica uma planta que, em contacto com a água, torna-a doce (Ex 15,24-25). Nova queixa contra Moisés e Aarão surge quando o povo, saudoso da abundância de carne e pão no Egito, reclama pela escassez de comida no deserto. Deus atende à lamentação do povo e por meio de Moisés anuncia: “Eu ouvi as reclamações dos israelitas. Dize-lhes: Ao anoitecer comereis carne e amanhã cedo vos fartareis de pão. Assim sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus (Ex 16,12). E assim aconteceu: De tarde um bando de codornas pousou sobre o acampamento e na manhã seguinte apareceu o maná (16,13-16).

Ao chegarem a Rafidim, a falta de água é o novo motivo de murmuração do povo contra Moisés: “Por que nos fizeste sair do Egito? Para matar-nos de sede junto com nossos filhos e o gado?” Diante da nova crise, Moisés se impacienta com o povo e clama a Javé: “Que vou fazer com este povo? Mais um pouco e vão apedrejar-me”. Deus, então, atende à reclamação e manda Moisés bater com o bastão na rocha para fazer sair água para o povo sedento (17,1-7). Este episódio será reinterpretado em Nm 20,1-13, onde, segundo a tradição sacerdotal, Moisés e Aarão teriam posto em dúvida que Deus faria jorrar água da rocha com uma batida de bastão; por isso, foram punidos com o povo e impedidos de entrar na Terra Prometida.

Na cena da batalha contra os amalecitas, enquanto Moisés mantém a mão levantada, os combatentes de Josué venciam o inimigo (Ex 17,8-16). Mas se, levado pelo cansaço, Moisés abaixava a mão, Israel era derrotado. Percebendo isso, Aarão e Hur sustentaram as mãos de Moisés até os amalecitas serem derrotados. Não se diz que Moisés estivesse suplicando ou rezando⁶. Na mão de Moisés estava o bastão de comando que ele exercia em nome de Javé (Ex 4,20; 5,19; 8,1.12; 9,22; 10,12.21; 14,15). O bastão na mão de Moisés levantada não deixa dúvidas que a vitória deve ser atribuída a Deus. Tanto assim que Moisés, em ação de graças, constrói um altar a Javé, que concedeu esta vitória (17,15). Deus deu forças ao povo para vencer o inimigo que o ameaçava. A graça, porém, não dispensou o esforço de Josué e seus combatentes. Nesta batalha, o povo fez a sua parte e Deus concedeu a vitória.

A missão de Moisés não era apenas a de fazer sair o povo do Egito e guiá-lo no deserto até à Terra Prometida. Quando retorna ao Egito, Javé lhe havia traçado um projeto de libertação do povo. Para iniciá-lo deveria reunir os anciãos, líderes naturais do povo, convencê-los do projeto divino e com eles dirigir-se ao faraó (Ex 3,16-18). Mas depois, segundo a tradição Eloísta, seu sogro Jetro vai ao encontro de Moisés no deserto e o vê esgotando-se de tanto querer sozinho resolver todas as questões de organização do povo

6. AUZOU, Georges. *De la servitude au service*. Étude du livre de l'exode, p. 232-234.

(18,13-27). Assim já havia feito no Egito, ainda antes de sua vocação, quando tentava separar uma briga entre dois hebreus. Naquela ocasião teve que ouvir de um deles uma crítica: “Quem foi que te nomeou chefe e juiz entre nós?” (Ex 3,14). Agora, ao ouvir as observações críticas de Jetro sobre seu modo de administrar a justiça, Moisés tenta justificar-se dizendo: “É que o povo vem a mim para consultar a Deus. Quando eles têm alguma questão, vêm a mim para que decida e lhes comunique os decretos e as leis de Deus” (18,15-16). Jetro aconselha-o, então, a dividir as tarefas: Moisés continuaria representando o povo diante de Deus, mas deveria escolher “homens de valor... dignos de confiança e inimigos do suborno”, para julgar os casos menores, ficando somente as questões mais importantes para Moisés decidir. O conselho foi aceito.

6. A crise no Sinai⁷

O projeto que Moisés devia apresentar aos hebreus oprimidos no Egito era deixar de servir como escravos ao faraó, para servir a Javé no deserto (Ex 3,18; 5,3; 8,24; 10,3.24). De fato, a aliança no Sinai e os dez mandamentos recebidos exigiam fidelidade exclusiva a Javé: “Não terás outros deuses além de mim..., não farás para ti ídolos..., não te prostrarás diante deles” (Ex 20,3-5). E, ao final do Código da Aliança (Ex 20,22–23,33), o redator inclui a celebração conclusiva, durante a qual, após ouvir a leitura do livro, o povo se compromete: “Faremos tudo o que o Senhor falou e obedeceremos” (24,7). Moisés recebe, então, a ordem de subir novamente a montanha onde fica quarenta dias e quarenta noites, para receber as tábuas de pedra da lei (24,12-18). Neste meio tempo, ante a demora de Moisés no monte, o povo propõe que Aarão faça algo que fora proibido pouco antes: “Faze-nos um deus que caminhe à nossa frente. Pois, quanto a esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que aconteceu” (32,1). Aarão pede que lhe dêem seus brincos e com eles molda uma imagem de Javé, na forma do bezerro de ouro, diante da qual o povo faz uma festa. Diante de tal infidelidade, Javé ordena a Moisés: “Desce, pois corrompeu-se o teu povo que tiraste do Egito” (32,7). Ao dizer “teu povo”, fica evidente que a aliança foi rompida. Javé como que perde a paciência, e decide aniquilar o povo: “Já vi que este povo é um povo de cabeça dura. Deixa que a minha cólera se inflame e os consuma” (32,9-10). Moisés, na sua súplica, deixa claro que o povo não é seu, mas de Javé, que o tirou do Egito. Se Deus fizesse isso, pegaria muito mal. Daria ocasião para os egípcios debocharem de Javé: “Foi com propósito sinistro que os fez sair do Egito, para matá-los nas montanhas e exterminá-los da face da terra”. O que estava em jogo, lembra Moisés, era o nome de Javé, o Deus libertador do Egito, o Deus da Aliança. Como na visão sacerdotal de Ezequiel (Ez 20,8-9.13b-14.21b-22; 36,22), aqui também é a honra do nome divino que faz triunfar a misericórdia sobre o juízo e garante a continuidade da história do povo eleito. E Deus desiste de sua ameaça (32,11-14).

7. Ex 19–40 é atribuído em grande parte à fonte sacerdotal (P), como o mostra a presença maciça de leis cultuais (24,15–31,18 e caps. 35–40). Mas não falta a presença das tradições javista e eloísta, a mão do redator jeovista e deuteronomista (cf. BOSCHI, Bernardo. *Esodo*, p. 178-179).

Após a matança dos idólatras promovida por Moisés e pelos levitas (32,25-29), o redator faz Moisés retornar para junto de Javé e suplicar: “Oh! Este povo cometeu um grande pecado! Fizeram um deus de ouro. Mas, agora, perdoa-lhes o pecado: senão, risca-me do livro que escreveste” (32,31-32). Antes Javé ameaçava desistir de seu povo e riscá-lo do livro da vida (32,9; cf. Sl 139,16; Is 34,16), mas queria preservar a vida de Moisés. Só não executa sua ameaça pela interferência da intercessão de Moisés (32,7-14). Agora Moisés mostra de forma patética seu amor pelo povo e insiste no perdão divino ao povo (veja também Nm 11,14-15). Sem este perdão, preferia morrer. Em resposta, Javé manda Moisés dar continuidade à sua missão de guiar o povo, prometendo ajudá-lo nesta tarefa (32,34). Condiciona, porém, sua presença no meio do povo a um gesto de penitência: desfazer-se de seus enfeites (33,1-6). Moisés insiste na sua súplica que Javé caminhe com o povo (32,12-16), como prova de sua graça, de seu favor, “pois é um povo de cabeça dura” (33,12-15; 34,9); sem esta garantia do favor divino Moisés se nega a pôr-se a caminho. Javé atende ao pedido e diz: “Eu irei pessoalmente e te darei descanso” (33,14). Deixa, porém, claro que seu amor é gratuito: “Favoreço a quem quero favorecer e uso de misericórdia com quem quero usar de misericórdia” (33,19). Javé é um “Deus compassivo e clemente, lento para a cólera, rico em amor e fidelidade” (34,6), mas é também “um Deus ciumento” que não tolera outros deuses ao seu lado (Ex 20,5; 34,14).

7. Do Sinai a Moab

Depois da ordem divina de partir do Horeb/Sinai (Ex 33,6) e da promessa de sua presença no meio do povo durante a caminhada (34,12-16), a viagem pelo deserto é retomada (Nm 10,11-12).

No Livro dos Números reaparecem as murmurações, dificuldades na caminhada do povo que Moisés deverá enfrentar. Agora as críticas se dirigem diretamente a Deus. Por isso a ira divina irrompe como incêndio numa parte do acampamento, que só termina quando Moisés intercede em favor do povo (Nm 11,1-3). A falta de comida faz os israelitas e os estrangeiros que vieram com eles a se lamentarem, com saudade das “cebolas” do Egito, dizendo-se enojados com o maná consumido cada dia (11,4-6). Novamente – diz o texto – Deus se inflama de ira e quer castigar o povo. Moisés reage, dizendo que Deus o está maltratando como se o povo de Israel fosse “cria” sua. Estava cansado de bancar a babá de um filho que não era seu: “Acaso fui eu quem concebeu ou deu à luz este povo, para que me digas: carrega-o no colo, como se fosse babá e levar uma criança, até à terra que prometeste a seus pais” (Nm 11,12)? Em outras palavras, sem o apoio da graça divina, sentia-se incapaz de levar adiante a missão de conduzir o povo até à terra prometida. Sem o auxílio da graça divina, Moisés preferia morrer: “Se é assim que me tratas, então, mata-me de vez! Se, pelo contrário, gozo do teu favor (*hen*), então que não me veja afligido” (11,15). Já antes, quando o povo pecou ao adorar o bezerro de ouro, Moisés insistia em sua súplica para que Deus abandonasse a idéia de aniquilar seu povo (Ex 32,10) e concedesse seu perdão, do contrário, preferia ser riscado do livro da vida (32,32). Este lamento de Moisés se aproxima das confis-

sões do profeta Jeremias, que, contestado e perseguido por causa de sua espinhosa missão, desejava não ter nascido (Jr 20,14-18).

Numa versão um pouco diferente de Ex 18,13-27, onde Jetro sugeria que Moisés escolhesse “homens de valor” para “resolver as questões menores” do povo, em Nm 11,16-17 é Javé quem sugere a escolha de 72 anciãos. Eles receberiam parte do espírito de Moisés para ajudá-lo a “carregar o peso do povo”. De fato, os anciãos que receberam parte do espírito de Moisés, “começaram a profetizar, mas não continuaram” (Nm 11,25). Em seguida, Deus atendeu também à reclamação do povo que desejava comer carne enviando um enorme bando de codornas e o povo comeu à saciedade. Mas muita gente morreu em razão de uma epidemia causada pela gula dos famintos e muitos morreram (11,31-35).

Contrastando com a cena anterior, onde o espírito de Moisés é repartido entre 72 anciãos e com as palavras de Moisés “quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta” (11,29), surge agora uma crítica de Maria e Aarão contra Moisés (Nm 12). A ocasião seria o fato de Moisés ter tomado uma mulher etíope, mas a reivindicação era outra. A crítica se dirigia contra sua autoridade profética: “Acaso o Senhor só fala por Moisés? Não fala também por meio de nós” (12,1-2)? A crítica da parte de Maria é um pouco estranha, pois em Ex 15,21 é chamada profetisa. Trata-se, pois, de outra tradição. Maria e Aarão não negam a autoridade profética de Moisés, mas pretendem ser profetas do mesmo nível de Moisés. Deus toma a defesa de seu servo Moisés contra as pretensões dos dois irmãos: Se a outros profetas Deus se revela por meio de visões e sonhos, como Moisés era diferente. “Com ele falo face a face..., ele contempla o semblante do Senhor” (12,6-8). De fato, quando Moisés desceu da montanha, e toda vez que falava com Deus, sua face resplandecia a ponto de ter que se cobrir o rosto com um véu (Ex 34,29-35). Depois da morte de Moisés Deus suscitaria profetas como Moisés (Dt 18,15-18). Moisés, porém, continuaria sendo o maior de todos (Ex 34,10), até a vinda de João Batista (cf. Mt 11,9-11).

Após este conflito familiar de poder, explodem mais duas revoltas. A primeira foi ocasionada pela missão dos exploradores enviados por Moisés do deserto de Farã, para fazer um reconhecimento da terra de Canaã (Nm 13-14). O relato dos exploradores feito a Moisés era positivo: “Realmente é uma terra onde corre leite e mel”, como o comprovavam os frutos trazidos: cachos de uva gigantes, figos e romãs. Mas o relato também falava que as cidades eram fortificadas e o povo de lá era poderoso, pareciam ser descendentes de Enac, uma raça de gigantes. Diante desse novo desafio o povo começa a murmurar contra Moisés e Aarão. Havia os que preferiam voltar ao Egito, outros que preferiam morrer no deserto a ter de enfrentar esse povo poderoso. Os exploradores Josué e Caleb tentaram reanimar o povo e restaurar a confiança na possibilidade de conquistar a terra. Mas o tumulto se agravou e o povo queria até apedrejar as lideranças. Javé, mais uma vez, se irrita e quer exterminar o povo, mas promete fazer de Moisés “uma nação maior e mais forte do que eles” (Nm 14,12). Moisés, então, põe-se a suplicar e aplacar a cólera divina. Depois de tudo o que fizera em favor do seu povo até agora, Deus não podia fazê-lo morrer no deserto. Seria um fiasco divino inadmissível, que levaria as nações a comentar ironicamente: “O Senhor foi incapaz de in-

troduzir o povo no país que lhes prometera, por isso os massacrou no deserto” (14,16). Pede insistentemente que, na sua costumeira misericórdia, Deus perdoe a maldade do povo, “pois o Senhor é paciente e misericordioso; suporta a maldade e a rebeldia, mas não a deixa impune” (14,18-19). Atendendo à súplica de Moisés, Javé desiste de aniquilar seu povo no deserto. Promete, porém, fazer tombar no deserto a geração rebelde, e que, à exceção de Josué e Caleb, somente seus filhos seriam introduzidos na terra que desprezaram (14,20-18).

A segunda revolta está relacionada com o questionamento do sacerdócio de Aarão e da autoridade de Moisés (Nm 16,1–17,26). Envolve alguns chefes tribais, como Coré, pela tribo de Levi, e Datã e Abiram, pela tribo de Judá, além de 250 israelitas chefes da comunidade. Neste relato misturam-se tradições distintas, de tipo javista-eloísta e sacerdotal. A primeira, mais antiga, se refere às pretensões políticas dos rubenitas Datã e Abiram em relação à tribo de Judá (v. 1b-2.12-15.25-34); a segunda, sobreposta à primeira, é de origem sacerdotal (v. 1a. 2b-11.16-24.27a.35). Diz respeito à revolta de Coré e dos 250 homens que não aceitam a autoridade sacerdotal de Aarão⁸. O motivo, portanto, é uma aberta contestação da autoridade: todos os membros da comunidade são consagrados, e não é justo que Moisés e Aarão se coloquem acima dos outros. Moisés e Aarão intercedem junto a Javé para não punir toda a comunidade. Moisés pede a Javé para não dar atenção à oferta deles e se defende dizendo que nunca abusou da autoridade (16,15). Quando Deus se dispõe a exterminá-los, Moisés intervé com uma tocante súplica: “Ó Deus, Deus dos espíritos de todas as criaturas! Um só homem está pecando e te enfureces contra toda a comunidade?” (16,22; cf. 27,16). Moisés reconhece assim que a vida é um dom do Criador, que a pode conservar ou tirar quando e de quem quiser (cf. Gn 2,7; 6,17; Jó 12,10; Sl 104,29-30). Entrega, portanto, a questão ao juízo e à graça divina. De fato, a comunidade é poupada, mas Coré, Datã e Abiram são tragados pela terra, que se abre, enquanto os 250 homens são devorados pelo fogo.

Em conseqüência desta mortandade, porém, surge novo tumulto entre o povo, na manhã seguinte. Agora, Moisés e Aarão são acusados de serem os culpados pela morte de tanta gente. Os dois se dirigem à tenda de reunião e ouvem da parte de Deus mais uma decisão de aniquilar o povo. Desta vez Moisés não intercede, mas pede a Aarão que faça um rito de expiação, oferecendo incenso com as brasas tiradas do altar. Assim, a mortandade no meio do povo amotinado, que já havia começado, é interrompida. Mesmo assim pereceram catorze mil e setecentas pessoas. Em seguida, o poder intercessor de Aarão é confirmado por um sinal: seu bastão guardado na tenda de reunião com o de outros chefes de família é o único a aparecer florescido no dia seguinte (Nm 17,1-26).

Um último percalço antes de os hebreus chegarem a Moab aconteceu após a morte de Maria e Aarão, no deslocamento do monte Hor, em direção ao Mar Vermelho. Trata-se do episódio da serpente de bronze. O motivo é uma nova murmuração

8. GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*. Sua história e ideologia. Macapá, 2002, p. 110.

contra Deus e contra Moisés, relacionada à escassez de água e comida: “Por que nos fizestes subir do Egito? Para morrermos no deserto? Não há comida nem água, e já estamos enjoados deste alimento miserável” (Nm 21,5). Como vimos acima, num episódio semelhante, depois da súplica de Moisés, Deus faz sair água da rocha (Ex 17,1-7). Agora, porém, Deus pune imediatamente os revoltosos, enviando serpentes venenosas que os picam mortalmente. O povo reconhece seu pecado e pede a Moisés que interceda por eles ao Senhor. E Deus indica, então, o remédio: Moisés devia fazer uma serpente de bronze, colocar num poste e pelo simples olhar a serpente o povo ficava curado.

8. Conclusão

A leitura dos relatos sobre a caminhada do povo hebreu no deserto, nos livros do Êxodo e Números, nos permite ler a “vida” de Moisés como uma experiência de vocação, executada em meio a constantes dificuldades a serem superadas. O chamado para a missão não é fruto de uma decisão puramente humana ou política, mas é um chamado divino. Por trás de um relato de vocação sempre há uma profunda experiência religiosa. A vocação de Moisés é uma vocação compreensível somente admitindo uma experiência religiosa transformadora, como a descrita no seu relato vocacional e, como vimos, vivida ao longo da caminhada pelo deserto. Isso já está evidenciado pela simples estrutura dialogal do relato vocacional (Ex 3). Depois, ao longo da caminhada pelo deserto, fica mais claro ainda que o projeto de libertação não vem de Moisés, mas de Deus. Moisés reluta em aceitar a espinhosa missão. A fé exigiu dele a convicção de que podia contar com o apoio da graça divina. Que Deus estava com ele e acompanhava como sombra protetora seu povo.

Deus é o autor do projeto de libertação. Ele viu a aflição dos escravos hebreus no Egito e decidiu libertá-los. Mas para executar este projeto precisava de um Moisés. Em outras palavras, Deus vê a opressão e ouve os gritos de socorro dos oprimidos, quando encontra pessoas capazes de ver e ouvir a mesma coisa e aceitar a missão libertadora. “A graça supõe a natureza”. Quando o projeto divino se torna um projeto humano, encarnado em pessoas como Moisés, movidas pela fé na presença divina, elas conseguem ser fiéis à missão recebida em meio às maiores dificuldades. Elas se tornam fiéis ao projeto de Deus e solidárias com as pessoas a serviço das quais se colocam. Tão solidárias com os destinatários da missão que, no caso de Moisés e dos profetas, tornam-se intercessores diante de Deus em favor do povo pecador. Eles são não apenas os porta-vozes de Deus em relação ao povo, mas também a voz do povo diante de Deus. São homens de Deus e homens do povo. Sua intercessão, por assim dizer, desperta em Deus o triunfo da misericórdia sobre a justiça. A misericórdia é o motor que dá continuidade à história do povo de Deus.

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
R. Coronel Veiga, 550
25655-151 Petrópolis, RJ

Bibliografia

AUZOU, Georges. *De la servitude au service*. Étude du livre de l'Exode. Paris: Éditions de l'Orante, 1961.

BOSCHI, Bernardo G. *Esodo*. Roma: Edizioni Pauline, 1978.

GALLAZZI, Sandro. *A teocracia sadocita*. Sua história e ideologia. Macapá, 2002.

MICHAELI, Frank. *Le livre de l'Exode*. Commentaire de l'Ancien Testament, II. Paris: Delachaux et Niestlé, 1974.

PROPP, William H.C. *Exodus 1-18*. The Anchor Bible, vol. 2. New York: Doubleday, 1999.

SCHMIDT, Werner H. *Exodus*. Biblischer Kommentar II,1-2. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlag, 1995 e 1999.

SEEBASS, Horst. *Numeri 10,1–22,1*. Biblischer Kommentar, Altes Testament, IV,2. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2005.